

William Shakespeare

MUITO BARULHO
POR NADA

Tradução

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Prefácio

Luis Miguel Cintra

Introdução

João Almeida Flor

ASSÍRIO & ALVIM



Miguel Guilherme, José Wallenstein, Luís Lima Barreto e Luis Miguel Cintra.

Foi em 1990. Há 26 anos.

5 anos antes tínhamos começado a trabalhar em Shakespeare com *Ricardo III*, numa tradução feita entre pessoas amigas: Maria Adélia Silva Melo, minha professora de inglês no liceu, Eduarda Dionísio, escritora e atriz também e professora. A Eduarda trouxe a ideia (e o trabalho) de encontrarmos palavras e construções sintáticas, uma linguagem, que dessem ao texto um sabor a texto de outro tempo, antigo, e que desse a sensação aos actores e espectadores de se tratar de um texto antigo. O Camões de *Os Lusíadas* foi uma das principais fontes. Já nessa altura me parecia estranha a rebuscada «actualidade dos clássicos» (isto é: encontrar nos textos antigos coisas parecidas ou iguais à realidade de hoje) como condição *sine qua non* para legitimar o espectáculo. Para mim, pelo contrário, o que me parece interessante é um texto clássico nos pôr diante de outro tempo e que das automáticas comparações que isso provoca na cabeça de cada espectador com a realidade que conhece nasçam novas ideias e renovados prazeres. Mas adiante: com esse *Ricardo III* quebrou-se o enguiço ou a cobarde ideia de que Shakespeare era difícil demais para quem não tem «escola». Mas quando um começou a ousar, passou logo a fazer peças de Shakespeare ou a representá-las, quem quer que fosse e sobretudo os que, não entendendo o inglês do grande poeta, não chegavam a perceber as dificuldades e muitas vezes nem sequer saberiam se gostavam. Mas orgulho-me de ter perdido o medo,

o medo de não saber, de fazer mal, e de ter ajudado a criar a liberdade que em torno de Shakespeare passou a existir no teatro português, por mais vergonha que tenha sentido e sinto perante a óbvia incapacidade nascida de cabeças mais dignas de rolares dos *curricula* abaixo, à custa do nome de Shakespeare, que as que o verdadeiro rei Ricardo matou na torre de Londres.

Só aos meus 50 anos cheguei ao Próspero e à *Tempestade*, à peça que é tida como a final e a peça síntese de toda a obra, tendo entretanto passado pelo *Conto de Inverno* e *Cymbeline*, e *Júlio César* e *Tito Andrónico*. E despedi-me do génio no passado 2015, no fim da última representação de *Hamlet* na tradução da Sophia, tantos anos depois de começar a esperar que ela a terminasse, e sendo entretanto levado para o Büchner de *Leôncio e Lena* e para a *Máquina Hamlet* de Heiner Müller que tanto têm a ver com o *Hamlet* original. E já com a experiência de um Shakespeare em tradução da Sophia e que é uma comédia, coisa rara e ainda mais difícil de traduzir: a tradução de *Muito Barulho por Nada*, este texto que só passados 26 anos de estreado se publica e onde o assunto era afinal a Alegria. Já não me lembro, depois da experiência de Ricardo III, com a vontade de voltar a Shakespeare, se foi a Sophia que nos passou para as mãos o *Much Ado* (digo o título em inglês, como ela sempre dizia), se fomos nós que lha pedimos. *Much Ado* veio a seguir ao *Ricardo*, porque a tradução do *Hamlet* não estava acabada. E porque também eu partilhava do entusiasmo da Sophia pelas Comédias, tão mal conhecidas desde as que Ribeirinho montou. Tenho memória, para nunca mais me esquecer do entusiasmo de um Teatro da Trindade em festa com uma *Noite de Reis* com a Eunice, e seria a Isabel de Castro a irmã?

E essa tradução do *Hamlet*, se fôssemos eternos, alguma vez estaria acabada? Das muitas coisas que aprendi no convívio com

a Sophia, a primeira é esta: nada nunca está acabado. A Liberdade de um artista está também numa muito mais livre ideia do tempo. E não querem ver que quando abri o exemplar da primeira edição e fui ler o mais célebre discurso da história do teatro, «*to be or not to be that is the question*», para poder integrar esse texto na *Máquina Hamlet* de Müller, não é que lhe faltavam quatro versos? É que, mais importante que a edição seria, para a Sophia, com certeza, encontrar uma forma que a satisfizesse de traduzir esses quatro versos desse monólogo com que provavelmente teria convivido diariamente a vida inteira. Tinham ficado para depois, tinha ficado esquecida, sim, a edição. E foi assim que dum dia para o outro fiquei com um autógrafo da Sophia: quatro versos novos no monólogo do início do 3.º acto (bendita negligência!):

*No more, and by a sleep to say we end
The heart-ache, and the thousand natural shocks
That flesh is heir to; 'tis a consummation
Devoutly to be wished to die to sleep!*

Mais nada, e dizer que num sono pomos fim
À dor do coração e aos mil choques naturais
De que a carne é herdeira é uma consumação
Que deve ser devotamente esperada — morrer, dormir!

E o trabalho que nessa altura começou, e foi feito em tempo relâmpago, deu oportunidade a um convívio que nunca esquecerei e deu origem a um espectáculo exaltante que encheu salas e encheu de alegria muita gente.

À Sophia apaixonava-a um trabalho rigoroso das palavras mas sabia como ninguém que a língua é uma coisa viva, parte

INTRODUÇÃO

João Almeida Flor

Ao passar revista à vastíssima bibliografia crítica shakespeariana, regularmente publicada no decurso das últimas décadas, concluiremos que redigir uma introdução a *Much Ado About Nothing*, traduzido para português por Sophia de Mello Breyner Andresen com o título *Muito Barulho por Nada (MBPN)*, é tarefa que poderia ser levada a cabo de diversas maneiras.

Se pretendermos dar conta do curso da crítica especializada, verificamos, por exemplo, que a atenção, a princípio prestada à psicologia das personagens e ao desenvolvimento do enredo, sustentava uma leitura da peça como espaço de despreocupada reflexão sobre a instituição do matrimónio no contexto da Inglaterra tardo-quinhentista. Em contrapartida, se preferirmos adoptar perspectivas mais recentes, sublinharemos como, depois das discussões em torno da psicanálise, do cânone literário e das questões de género, se afirma hoje certa tendência neo-historicista para recontextualizar a obra shakespeariana no quadro do maneirismo europeu e simultaneamente para avaliar o modo como ela participa nas mudanças socioculturais coevas, em particular a incipiente emancipação feminina nos alvares da contemporaneidade.

Tomada isoladamente, qualquer destas perspectivas teria interesse para estudiosos da literatura inglesa tardo-renascentista mas não cumpriria a função de apresentar ao público português um texto susceptível de ser encarado de variados pontos de vista que exemplificam a multiplicidade de sentidos que nele se contém.

PERSONAGENS

D. PEDRO, *Príncipe de Aragão*
D. JOÃO, *irmão bastardo de D. Pedro*
CLÁUDIO, *jovem senhor de Florença*
BENEDITO, *jovem senhor de Pádua*
LEONATO, *Governador de Messina*
ANTÓNIO, *seu irmão, um velho*
BALTAZAR, *um cantor ao serviço de D. Pedro*
CONRADO | *séquito de D. João*
BORRÁQUIO |
FREI FRANCISCO
ABRUNHO, *um chefe de polícia*
VARAS, *o meirinho, parceiro de Abrunho*
4 Guardas
Um sacristão
UM MOÇO, *criado de Benedito*
Músicos e criados em casa de Leonato
Um mensageiro
HERO, *filha de Leonato*
BEATRIZ, *sobrinha de Leonato*
MARGARIDA | *aias de Hero*
ÚRSULA |

LOCAL DA ACÇÃO, Messina

ACTO I

Cena I

Em frente da casa de Leonato.

Entram Leonato, Hero e Beatriz e um Mensageiro

LEONATO

Diz esta carta que D. Pedro de Aragão chega hoje à noite a Messina.

MENSAGEIRO

E agora já deve andar perto. Nem a três léguas daqui estava quando o deixei.

LEONATO

Quantos fidalgos se perderam neste combate?

MENSAGEIRO

Poucos de categoria e nenhum de renome.

LEONATO

Dupla é a vitória quando o vencedor volta com os seus homens todos. Também aqui leio que D. Pedro concedeu grandes honrarias a um jovem florentino chamado Cláudio.

MENSAGEIRO

Honras por ele muito merecidas por parte dele e por D. Pedro igualmente reconhecidas. Cláudio excedeu a promessa da sua juventude e praticou com rosto de cordeiro feitos de leão. Foi melhor do que o melhor que dele se esperava e a tal ponto que nem podeis pedir-me que conte como e quanto.

LEONATO

Aqui em Messina tem ele um tio que vai ficar muito contente com a notícia

MENSAGEIRO

Já lhe fui levar as cartas e ele parece muito contente que para mostrar a alegria usou os sinais de tristeza.

LEONATO

Desatou a chorar?

MENSAGEIRO

Como uma fonte.

LEONATO

Puro transbordar da bondade! Não há faces mais sinceras do que aquelas que o pranto lava. Antes chorar de alegria do que alegrar-se com as lágrimas dos outros.

BEATRIZ

Por favor, o signior Espadeirada voltou ou não da guerra?

MENSAGEIRO

Não conheço ninguém com esse nome, senhora. No exército ninguém se chamava assim.

LEONATO

O que estás a perguntar sobrinha?

HERO

A minha prima está a falar do Signior Benedito de Pádua.

MENSAGEIRO

Ah, esse voltou; e tão divertido como sempre.

BEATRIZ

Aqui em Messina, proclamou ele em editais que desafiava Cupido para um duelo ao arco; e o bobo da nossa família ao ler o desafio, tomou partido por Cupido e desafiou o Signior

<i>Memórias do trabalho para o «much ado» da Sophia</i>	
Luís Miguel Cintra	7
<i>Introdução</i>	
João Almeida Flor	15
<i>Nota do Editor</i>	39
Personagens	41
Acto I	
Cena I	43
Cena II	57
Cena III	59
Acto II	
Cena I	63
Cena II	80
Cena III	83
Acto III	
Cena I	95
Cena II	101
Cena III	108
Cena IV	116
Cena V	121

Acto IV	
Cena I	125
Cena II	142
Acto V	
Cena I	147
Cena II	164
Cena III	168
Cena IV	171